

é o próprio Deus. É esta capacidade que constitui a sua maior grandeza.

JORGE COUTINHO

HISTÓRIA / BIOGRAFIA

GOMES, Pinharanda, **A alma cristã da Europa**, col. «Lusíada – Ensaios», Fundação Lusíada, Lisboa, 2011, 230 p., 230 x 160, ISBN 978-972-9450-54-9.

Pinharanda Gomes é bem conhecido como investigador e pensador, dedicado muito particularmente aos âmbitos da história filosófica, da história da cultura e da história da Igreja em Portugal. Alia com facilidade, nos seus ensaios e estudos, uma vastíssima erudição e um alto poder especulativo e hermenêutico. No presente volume, editado pela Fundação Lusíada, coligem-se uma série de estudos de sua autoria, a quase totalidade dos quais já saídos a lume em diversas revistas ou livros. O título com que quis abranger o conjunto é o mesmo que atribuiu ao primeiro deles, publicado precisamente nesta revista *Theologica*, no seu vol. 39 (2004) 263-299, agora revisto e ampliado.

E de facto, na pluralidade dos assuntos patente nos diversos títulos, pode o leitor facilmente encontrar o denominador comum da preocupação com o desenrolar da história de uma Europa que já se quis, e foi, marcada pelo espírito (ou pelo génio) do cristianismo e que, no presente se vê (e se quer, parece) em evolução para (ou já em estado de) uma Europa com evidente preocupação e «expressão económica», mas «sem raiz teonómica».

No estudo sobre a «A alma cristã da Europa», Pinharanda Gomes procede a uma pertinente e profunda reflexão sobre a identidade europeia, confrontando Oci-

dente e oriente, passado e futuro, integração e desintegração (ou o actual confronto entre cristandade e laicidade), enfim, o presente (com muito de desencanto para os cristãos) e futuro (que, para eles, deve ser sempre de esperança). Um longo, profundo e belo estudo, que ocupa as páginas 17 a 72. Em «O génio do Cristianismo segundo Chateaubriand», detém-se na análise e consideração de algumas linhas fundamentais presentes nesta obra do grande autor do romantismo francês, com especial atenção à acusação do Iluminismo racionalista do século XVIII – que pôs em circulação a ideia do cristianismo como factor de atraso cultural e obscurantismo – e a nova apologética, cultivada pelo romantismo, que, pelo contrário, procura pôr em evidência os grandes valores próprios do espírito cristão que animou e enformou a Europa no decurso de muitos séculos. Em «O diálogo Igreja / mundo na revista “Estudos Sociais”», ligada ao CADC de Coimbra e ao movimento da «Renascença Católica», procede a um resumo da existência desta revista, no contexto do tempo, que foi o da preparação e advento da República, tendo nascido em 1905 e terminado em 1911. «Sena Freitas e o americanismo» serve a Pinharanda Gomes para traçar um belo e bem documentado esboço da situação do cristianismo em Portugal ao tempo daquele sacerdote lazarista (1840-1913), brilhante orador e vigoroso polemista, com particular incidência na sua recepção do «americanismo» mitigado e ortodoxo posto a circular pelo bispo norte-americano John Ireland (1838-1918), contraponto de um americanismo radical orientado para a modernização, por parte dos cristãos, pela valorização do individualismo em matéria de fé e, consequentemente por um certo relativismo (além de um notório pragmatismo). O capítulo seguinte desta colectânea oferece o texto da tradução

do discurso de John Ireland «A igreja e o século», fieta pelo P. Sena Freitas. «Anamnese da ideia de pátria» oferece ao leitor uma bela e profunda especulação sobre a ideia de pátria – com particular incidência na Pátria portuguesa –, uma ideia que, no contexto de uma Europa que se quer unificada, embora tendo em conta as suas diversas matrizes étnicas e culturais, tende a ser diminuída ou mesmo a dissolver-se. (Releve, a propósito, a categoria intelectual e moral de P. Gomes e a amizade que nos liga a correcção de «*Magestas*» e «*Magestade*», na p. 168, para, conforme a raiz latina, «*majestas*» e majestade»). Em «Pascoaes e a alma da Europa», traça o essencial ideário do poeta de Gatão sobre a ideia de Portugal na balança da Europa (usando a expressão e a preocupação do livro de Garrett), ideário que se consubstancia na tese de que, no contexto da internacionalidade, a identidade de cada nação só se afirma e preserva no apreço de si mesma e no cultivo da sua língua e do seu pensamento próprios. «“A Águia” voando nas trevas» serve ao autor para, a propósito do primeiro centenário daquela revista, tecer pertinentes reflexões sobre o contexto da Primeira República, que não tornou Portugal mais justo nem mais feliz, dando razão ao ideário da «Renascença Portuguesa», de que *A Águia* foi órgão oficial. Em «As três tradições» detém-se sobre as tradições cristã, judaica e islâmica na história portuguesa, com as suas diferenças unidas no cultivo de um messianismo que se tornou numa nota fundamental da cultura portuguesa. Finalmente, em «Das idades encobertas» versa essa ideia e ideal do messianismo em duas formas particulares de manifestação: a sétima idade de Fernão Lopes e o V Império de Vieira.

Estamos perante uma colectânea rica de informação e de especulação e reflexão sobre múltiplos aspectos que têm a ver

com a cultura, a história e a identidade da Europa e de Portugal. Felicitamos o autor, Pinharanda Gomes, e recomendamos o livro a quantos se interessam por assuntos desta ordem.

JORGE COUTINHO

BÉGUERIE, Philipe, **Vers Écône. Mgr Lefebvre et les Pères du Saint-Esprit. Chronique des événements (1960-1968)**, postface de Florian Michel, coll. «Pages d'Histoire – Documents», Desclée de Brouwer, Paris, 2010, 486 p., 235 x 150, ISBN 978-2-220-06212-9.

Os principais traços da personalidade de Mons. Marcel Lefebvre, bispo saído da Congregação dos Missionários do Espírito Santo, bem como os grandes passos da sua atormentada e atormentadora história na Igreja do pós-Concílio são conhecidos da generalidade dos cristãos (e não só) que acompanharam as reacções ao mesmo Concílio nos anos que se lhe seguiram. Tudo vai dar à fundação da Fraternidade São Pio X e do Seminário de Écône, na Suíça. Foi aí, com efeito, que o movimento que encabeçou se cristalizou em comunidade de formação de novos padres segundo as ideias e o espírito integrista daquele bispo contestatário que não aceitou o Vaticano II, mormente no que diz respeito às suas reformas na liturgia.

O autor deste livro conhece bem quem foi Mons. Lefebvre, o seu carácter, a sua mentalidade, as peripécias que antecederam e acompanharam a dramática cisão que operou em relação à Igreja romana, enfim todo um conjunto de coisas que permitem compreender melhor toda essa história, que recentemente veio ao de cima com a reintegração dos lefebvrianos na mesma Igreja e a permissão do uso do Missal de S. Pio V.